

Ricardo Evangelista Brandão ¹

A criação e as formas arquetípicas divinas: o exemplarismo em Santo Agostinho

Resumo: A Doutrina da Criação é uma tese bastante difundida entre teólogos e filósofos cristãos ao longo da história, sendo mesmo na hodiernidade uma importante maneira de explicar a origem do universo do ponto de vista teológico–filosófico. Santo Agostinho deu uma importante contribuição ao Criacionismo, propondo que embora Deus tenha criado o mundo ex nihilo, tomou como modelo para moldar todas as criaturas, arquetipos eternos e imutáveis, pois, cada espécie de criatura antes de existir de maneira concreta, com forma e matéria, já existia em forma de ideias atemporais, no *Lógos* de Deus. É perceptível o Platonismo embutido nessa ideia, principalmente ao considerarmos que o filósofo de Hipona teve um importante contato com o Neoplatonismo, provavelmente na versão plotiniana. Todavia, não é justo dizer que ele simplesmente fez uma acomodação dos seres inteligíveis e entes sensíveis do sistema Neoplatônico ao Cristão, pois, existem distinções geradas pela síntese entre as duas tradições mencionadas e a perspectiva de pensamento do filósofo, que torna a concepção do Hiponense em certos aspectos com certo ineditismo.

Palavras-chave: Santo Agostinho, filosofia da natureza, criacionismo, exemplarismo.

Abstract: The Doctrine of Creation is a widespread thesis among Christian theologians and philosophers throughout history, and even today it is an important way of explaining the origin of the universe from the theological–philosophical point of view. St. Augustine made an important contribution to Creationism. He states that although God created the world ex nihilo, He took as a model to bring all creatures into existence an eternal and immutable archetype for each species of creatures. Therefore, before existing in concrete manner and in the material world, they already existed in the form of timeless ideas, in the *Logos* of God. The Platonism embedded in this idea is noticeable, especially when we consider that Augustine had significant contact with the Neoplatonism, probably in its Plotinian version. However, it is not to say that he simply made accommodated the intelligible beings and sentient beings of the Neoplatonic system to the Christian one, since there are distinctions generated by the synthesis between the two traditions mentioned and the perspective of thought of the philosopher, in certain aspects with a certain degree of novelty.

Keywords: Saint Augustine philosophy of nature, creationism, exemplarism.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Professor de Filosofia do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), campus Belo Jardim. E-mail: ricardobrand75@gmail.com

Civitas Augustiniana, 7 (2018) 43-54

ISSNe: 2182-7141

DOI: <https://doi.org/10.21747/civitas/72018a3>

1. A criação e suas formas arquetípicas eternas

Segundo Santo Agostinho, ao criar o *Cosmos* primeiramente Deus criou *ex nihilo* uma matéria primeva, confusa e informe, que consecutivamente iria dar forma constituindo as diversas espécies de criaturas descritas nos seis dias da criação genesíaca; porém, ao modelar todas as criaturas, tomou como modelos os arquetipos eternos e imutáveis, pois, cada espécie de criatura antes de existir de maneira concreta, já existia em forma de ideias eternas. É extremamente claro e óbvio o Platonismo desta ideia, mas veremos que o Santo Doutor utiliza a doutrina das ideias platônicas de maneira bastante original e totalmente coerente com seu teísmo cristão.

Assim sendo, Agostinho afirma que todas as coisas antes de existirem com forma e matéria, já existiam em forma de arquetipos eternos e imutáveis em Deus: «Portanto, se as conhecia, antes de criar, consequentemente estavam nele conhecidas do modo pelo qual vivem eternamente e sem mudança, e são vida; mas foram criadas do modo pelo qual cada criatura existe em sua espécie»².

Estes arquetipos estavam em Deus em forma de projeto intelectual, ou dizendo de outro modo, em forma de pensamentos, como comenta Santo Agostinho:

Que a sabedoria de Deus, pela qual todas as coisas foram feitas, conhecia as primeiras, divinas, inmutáveis e eternas razões das coisas, antes que fossem criadas [...]. Portanto, quem é tão louco a ponto de chegar a dizer que Deus não fez as coisas que conheceu? Logo, se conhecia, onde conhecia, a não ser nele, junto do qual estava o Verbo pelo qual tudo foi feito? Com efeito, se as conhecia fora de si mesmo, quem lhe ensinara? Quem, com efeito conheceu o pensamento do Senhor?³.

² AGOSTINHO, *De Gen. ad. litt.*, V, 15, 33.

³ *Idem*, *De Gen. ad. litt.*, V, 13, 29. Também *Idem*, *De civ. Dei.*, XI, 10, 3: «Não são muitas, mas uma a sabedoria, em que são imensos e infinitos os tesouros das coisas inteligíveis, nas quais se encontram todas as razões invisíveis e imutáveis dos seres, mesmo dos visíveis e mutáveis por ela feitos. Deus nada fez sem conhecimento, o que não se pode com justiça dizer de qualquer obreiro humano. [...] Este mundo não poderia ser conhecido por nós, se não existisse; mas, se Deus o não houvesse conhecido, não poderia existir».

A criação é, antes de qualquer coisa, um ato do entendimento e sabedoria de Deus⁴, por isso, antes de ser criada no hexâmero juntamente com o tempo, já existia arquetipicamente no pensamento de Deus; na medida em que Deus é atemporal, seus pensamentos são igualmente eternos, e os referidos arquétipos são imutáveis porque os pensamentos de Deus são perfeitos, não podendo, portanto, melhorar ou piorar, permanecendo imutáveis. Como bem comenta Victorino Capanaga:

As ideias divinas, são certas formas originais ou modelos constantes e imutáveis de todas as coisas, as quais não sendo formadas são eternas e invariáveis estando contidas na inteligência de Deus [...]. Todas as coisas particulares têm na mente divina sua ideia particular⁵.

Logo, Santo Agostinho inaugura outro importante tema em sua Filosofia da Natureza, pois, todas as criaturas antes da existência concreta, com forma e matéria, já existiam na mente de Deus na pessoa do Verbo⁶, que é a pessoa do Filho, em formas de razões eternas. Isto é,

⁴ A esse respeito acentua BOEHNER, P.; GILSON, É., *História da filosofia cristã*, 2004, p. 175: «Além de ser expressão da vontade e revelação da bondade divina, o ato criativo é também um ato do entendimento e uma revelação da sabedoria de Deus. Antes de serem feitas, as criaturas já existiam ou ‘viviavam’ no entendimento divino ou na ‘arte’ divina, sob forma de ideias».

⁵ CAPANAGA, V., «Introducción general: el universo Agustiniano», 1994, p. 56.

⁶ Agostinho comentando sobre o conhecimento superior dos anjos em comparação com o conhecimento dos homens, afirma que os anjos contemplavam no Verbo as formas eternas de cada espécie de criatura (AGOSTINHO, *De Gen. ad. litt.* IV, 24, 41): «Por isso, como os santos anjos, nos quais nos igualaremos depois da ressurreição [...] veem sempre a face de Deus e gozam do Verbo de Deus, seu Filho Unigênito igual ao Pai; sem dúvida, foram os primeiros a conhecer no Verbo de Deus o conjunto das criaturas [...]. No Verbo conheceram as razões eternas de todas as coisas». Aqui Nosso Pensador africano deixa claro que os arquétipos da criação estão na pessoa do Verbo, que corresponde à segunda pessoa da Trindade, historicamente conhecida por Jesus Cristo. Embora o termo latino *verbum* signifique vocábulo em geral (cf. MORA, J. F., *Dicionário de filosofia*, 2001, p. 2991), ao ser usado por Agostinho transcende esse significado, pois, o sentido utilizado por ele está diretamente relacionado ao termo grego *λόγος* (*Lógos*) e seu uso na história da Filosofia Grega e no Novo Testamento das Escrituras. A doutrina do *Lógos*, foi um tema deveras importante para os primeiros filósofos, que de certa forma serviu de ponte entre a Filosofia e a Teologia, na medida em que pretende explicar «como o poder divino manifesta-se no Cosmos» (CHAMPIN, R.N., *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, 1995, p. 897). Etimologicamente

cada criatura existente possui um protótipo que são as ideias eternas no verbo divino, que foram usadas pelo Criador ao criar todas as coisas, como comenta Étienne Gilson:

Expressando-se totalmente em seu Verbo, Ele contém eternamente em si os modelos arquetípicos de todos os seres possíveis, suas formas inteligíveis, suas leis, seus pesos, suas medidas, seus números. Esses modelos eternos são ideias, incriadas consubstanciadas a Deus com a própria consubstancialidade do Verbo⁷.

É perceptível a apropriação feita pelo pensador de Hipona da doutrina Platônica e Neoplatônica das formas inteligíveis, que segundo Platão existem como protótipos eternos inteligíveis do mundo sensível, como diz Platão no *Timeu*: «Ora, se este mundo é belo e for bom seu construtor, sem dúvida nenhuma este fixara a vista no modelo eterno [...]. Mas para todos nós é mais do que claro que ele tinha em mira o paradigma eterno»⁸. Por conseguinte, cada coisa existente na realidade sensível, para ser,

o termo *Lógos* (λόγος) significa: razão, palavra, discurso, etc. Historicamente o *Lógos* sempre foi entendido como razão ordenadora da divindade em ação no mundo, por isso em Heráclito ele é o princípio orientador do devir do Cosmos (cf. *Idem, ibid.*, cit., p. 898); segundo os estoicos, o *Lógos* é a razão universal e sustentadora de todas as leis que põe o Cosmos em funcionamento (cf. *Idem, ibid.*, p. 899); na compreensão de Filo de Alexandria, que além de Judeu da religião Judaica, também era um filósofo Neoplatônico, *Lógos* é a essência imaterial da mente de Deus que produziu o plano da criação; conforme Norman Geisler (GEISLER, *Enciclopédia de apologética: respostas aos críticos da fé Cristã*, 2002, p. 507): «Plotino declarou que o *Lógos* ou *Nous* era a emanção inferior do único Ser». No Evangelho de João, o *Lógos* além de todas as qualidades supracitadas, assume a personalidade da segunda Pessoa da Trindade, que em um determinado momento da história recebeu forma humana sendo conhecido como Jesus. Santo Agostinho ao assimilar o *Lógos* em seu sistema, muito se aproxima da compreensão de Filo de Alexandria, mas principalmente do *Lógos* exposto no Evangelho de João.

⁷ GILSON, *A filosofia na Idade Média*, 1995, p. 151. Também AGOSTINHO, *De Gen. ad. litt.*, II, 7, 16: «Por isso, a natureza da luz está primeiramente no Verbo de Deus segundo a razão pela qual foi criada, ou seja, na sabedoria coeterna ao Pai; e, em seguida, na própria condição da luz segundo sua natureza, a qual foi criada. Lá não foi feita, mas gerada; aqui foi feita, porque foi formada da informidade. Por isso, Deus disse: ‘Faça-se a luz’ e foi feita a luz, para que o que estava lá no Verbo, aqui estivesse na obra».

⁸ PLATÃO, *Timeu* 29a.

copiam e participam das ideias eternas e imutáveis pertencentes à realidade inteligível. Neste quesito, Agostinho se aproxima muito mais de Platão e Plotino do que de Aristóteles, pois, esse último em seu sistema filosófico-metafísico, não concebia a existência de forma separada da matéria, na medida em que as substâncias reais são os sínodos de matéria e forma⁹. Além do fato de que o estagirita foi um crítico entusiasta das ideias inteligíveis platônicas, pois, não achava lúcido criar outro mundo com formas inteligíveis para explicar o mundo sensível, como diz Aristóteles:

Em primeiro lugar, eles, tentando apreender as causas dos seres sensíveis, introduziram entidades suprassensíveis em número igual às sensíveis: como se alguém, querendo contar objetos, considerasse não poder fazê-lo por serem os objetos muito pouco numerosos, e, ao invés, considerasse poder contá-los depois de ter aumentado seu número¹⁰.

Embora esteja claro o afastamento de Aristóteles e Santo Agostinho nesse assunto, a crítica do estagirita não atinge plenamente a concepção de nosso Bispo Filósofo, pois, as formas em Agostinho, não existem de maneira autônoma, mas como pensamento de Deus, pois, o Criador antes do ato criativo pensou cada criatura, e este pensamento são os protótipos de todas as criaturas. E estas formas são eternas, não por existirem independentes de Deus, mas simplesmente porque Ele as pensou antes da criação do tempo, que por sua vez só foi criado junto à criação. E são imutáveis, por estarem contidas no pensamento de Deus, que em sua essência é imutável. Por conseguinte, as formas inteligíveis agostinianas não foram sistematizadas para explicar a existência de cada ser, pois, isto já foi suficientemente explicado com a tese da Criação *ex nihilo*, mas principalmente tentando explicar como se deu a mudança no Criador, pois, naturalmente surge a indagação de como um Deus imutável, de repente decide em um determinado ponto da eternidade, criar tudo o que existe. Quer dizer, como o tempo é uma referência apenas mundana, Deus – um ser atemporal – pensa atemporalmente, e as ideias da criação, na

⁹ A respeito da impossibilidade de existência de uma substância concreta sem o sínodo de matéria e forma, ver: REALE, G., *História da filosofia antiga*, 2002, p. 357. Também: MONDIN, B., *Curso de filosofia: os filósofos do Ocidente*, 1981, p. 92.

¹⁰ ARISTÓTELES, *Metafísica* 990b1.

medida em que são pensamentos de Deus através da pessoa do *Lógos*, atemporais também são atemporais. Consequentemente não se pode afirmar que houve mudança no Ser Divino, ao criar, como bem acentua Louis Berkhof:

Agostinho tratou da obra da criação mais minuciosamente que os outros. Ele argumentava que a criação esteve eternamente na vontade de Deus e, portanto, não produziu mudança nele. Antes da criação o tempo não existia, dado que o mundo foi trazido à existência juntamente com o tempo¹¹.

Apesar da clara aproximação de Santo Agostinho com os platônicos no referido assunto, não é justo afirmar que Agostinho fez uma simples acomodação do sistema platônico dos seres inteligíveis e entes sensíveis ao sistema cristão da criação, pois temos distinções que tornam a concepção agostiniana em alguns aspectos original. Segundo Platão, as ideias são paradigmas eternos usados pelo Demiurgo para modelar o caos do mundo sensível¹², que existem à parte do Demiurgo, de maneira autônoma, e hierarquicamente superiores ao próprio Demiurgo¹³. Já segundo o pensador de Hipona, as ideias, embora existam como protótipos eternos de todas as criaturas, não existem de maneira autônoma mas na mente ou no *Lógos* de Deus¹⁴, como pensamentos de Deus. Sendo assim, as ideias estão para a criação como os pensamentos

¹¹ BERKHOF, L., *Teologia sistemática*, 1990, p. 127.

¹² Segundo Platão, o mundo sensível não foi criado, mas moldado pelo demiurgo, pois, o mundo já existia na completa informidade e caos (PLATÃO, *Timeu* 30a): «Desejando a divindade que tudo fosse bom e, tanto quanto possível, estreme de defeitos, tomou o conjunto das coisas visíveis – nunca em repouso, mas movimentando-se discordante e desordenadamente e fê-lo passar da desordem para a ordem».

¹³ Segundo REALE, 1994, vol. II, p. 150, é comum na teologia dos Gregos antigos, deus está submisso a uma regra à qual deve cumprir: «Deus, para os gregos, tem acima de si, do ponto de vista hierárquico, uma regra ou algumas regras supremas, às quais deve referir-se e que deve cumprir. Justamente nesse sentido o deus Platônico, a inteligência suprema, tem acima de si hierarquicamente uma regra ou regras às quais deve ater-se [...], e o mundo das idéias no seu complexo constitui como a totalidade das regras».

¹⁴ A esse respeito comenta BOEHNER; GILSON, *História da Filosofia*, cit., p. 175: «O nome de idéias ou formas vem de Platão. Mas, ao passo que este lhe atribuía uma existência separada, Agostinho as faz existir no próprio Deus ou Verbo Divino».

ou projeto intelectual está para a ação. Outro fator que distancia os dois pensadores está no fato de que em Platão as ideias são as essências de cada coisa existente, a ponto de que cada coisa sensível para ser o que ela é não só imita mas participa de sua essência eterna e imutável no mundo das formas inteligíveis, como diz François Châtelet ao comentar sobre as ideias platônicas: «O sensível ‘participa’ (metechei) do inteligível; tem a ver com ele; é separado dele, mas essa separação – que é confusa – não é estranheza»¹⁵. Já em Agostinho, esta participação dos entes sensíveis nos seres inteligíveis, embora percebida em suas obras, assume um caráter diferente, na medida em que as ideias não são essências autônomas, mas pensamentos de Deus, logo, podemos dizer que uma criatura para ser o que ela é ontologicamente depende de Deus, que em seu Verbo possui todas as criaturas, como comenta o pensador:

[...] Bons, os animais, dotados de vida. Bom é o ar temperado e salubre. Boa é a alimentação, sadia e saborosa. Boa é a saúde sem dores e fadigas. Bom é o rosto do ser humano de proporções regulares, iluminado pela alegria e com tez de pelas cores [...]. E se puderes fazer abstração desses bens que não são bons senão pela participação no Bem, perceberás o próprio Bem, por cuja participação são bons outros bens. Tu o descobres, quando ouves dizer que isto ou aquilo é bom. Portanto, prescindindo desses bens, se o podes, perceberás o Bem em si mesmo, e então verás a Deus¹⁶.

De cópia imperfeita em Platão, as criaturas em Agostinho ganham uma dimensão de partícipes das ideias divinas, de certa forma ligadas ontologicamente a esses protótipos. É claro que o fato das criaturas terem

¹⁵ CHÂTELET, F., *História da filosofia: ideias, doutrinas*, p. 106. Também MONDIN, *Curso de filosofia...*, cit., p. 62, comentando sobre a relação existente entre as formas inteligíveis e o mundo sensível diz o seguinte: «Em vários diálogos Platão examina acuradamente a questão das relações entre o mundo sensível e o mundo inteligível. A relação é entendida por ele ora como imitação (*mimesis*), ora como uma participação (*methakis*) do sensível no ideal». Aniceto Molinaro acrescenta que Platão em seu sistema metafísico, a relação do Ser (idéias) e dos entes (entidades sensíveis), além da imitação e participação, também deve ser acrescentado a comunhão (*koinonia*), pois, na medida em que o ente participa do Ser, estabelece com ele uma comunhão, e a presença (*parousia*) (MOLINARO, A., *Metafísica: curso sistemático*, 2002, p. 30) «diz respeito sobretudo ao Ser e ao ente: pela presença do Ser os ente são; os entes são a presença = a presentificação = a apresentação do Ser».

¹⁶ AGOSTINHO, *De Trin.*, VIII, 3, 4-5.

sido criadas com uma matéria não consubstancial a Deus, concedeu a elas uma existência transitória e perfeição limitada, contudo os protótipos modelares com os quais foi formada são eternos e consubstanciais a Deus¹⁷.

O neoplatônico Plotino, igualmente a Platão, também defende uma dependência ontológica permanente do mundo sensível ao inteligível, pois a realidade inteligível de Platão é paralela à segunda hipóstase inicial plotiniana denominada *Nous* (inteligência), como comenta Cícero Bezerra: «Poderíamos dizer que a inteligência em Plotino corresponde às ideias de Platão [...]. A inteligência é um deus, mas, um deus múltiplo que contém todos os seres e, por isso é modelo do mundo sensível»¹⁸. Portanto, no *Nous* estão os protótipos inteligíveis que a terceira hipóstase inicial denominada de alma, utilizou para modelar o mundo sensível, como diz Plotino nas *Enéadas*:

Portanto, que cada alma primeiro considere isto: que ela mesma gerou todas as coisas vivas, insuflando-lhes a vida [...]. Gerou o próprio sol e o vasto céu, que ela mesma adornou, ordenou e moveu [...]. Para ser perfeita, ela deve olhar para a inteligência, que deve ser considerada com um pai que conduz um filho à maturidade [...], os espíritos e todos os animais e plantas, então que se eleve ao arquétipo dele [...] e ali veja todas essas coisas de maneira inteligível e eterna¹⁹.

Sendo assim, devido à semelhança do sistema plotiniano ao platônico nesse aspecto discutido²⁰, o comentário comparativo que fizemos das ideias platônicas com as agostinianas, também serve para os arquétipos inteligíveis de Plotino.

¹⁷ «Do nada foram criadas por ti, não da tua substância; não de alguma matéria não tua que existisse antes de ti, mas de matéria concreta, criada por ti ao mesmo tempo que lhe deste uma forma sem nenhum intervalo de tempo [...]. Essa matéria foi criada no nada, e essa forma do mundo foi tirada da matéria informe, mas essas duas operações foram simultâneas, de modo que entre a forma e a matéria não houve intervalo de tempo (*Idem, Conf.*, XIII, 33, 48)».

¹⁸ BEZERRA, C. C., *Compreender Plotino e Proclo*, 2006, p. 78.

¹⁹ PLOTINO, *En.*, V, 1, 2-4.

²⁰ A semelhança aqui referida, diz respeito à participação da realidade sensível ao seu protótipo inteligível, pois, bem diferente de Platão, a maneira como a alma molda o mundo sensível é através da processão.

Outro aspecto desse ‘Exemplarismo’²¹ que une Santo Agostinho a Platão e Plotino, é o fato dessas realidades arquetípicas não poderem ser alcançadas com as faculdades sensíveis e sim com as faculdades inteligíveis, na medida em que esses paradigmas inteligíveis também são, como comenta Santo Agostinho em seu Tratado sobre a Trindade:

Contudo, é a uma função mais alta da inteligência que pertence à possibilidade de fazer juízo a respeito dessas realidades corporais, segundo razões incorpóreas e eternas. Essas razões, se não estivessem acima da mente humana não seriam imutáveis. Entretanto, se elas não tivessem nenhuma ligação com nosso ser, que lhes é submisso, não poderíamos emitir juízo algum a respeito daquelas realidades corporais²².

Por conseguinte, segundo nosso Bispo Filósofo, a mente humana é capaz de alcançar as razões eternas, e na medida em que elas estão no Verbo de Deus, e sendo Deus o único Ser, é a fonte da verdade, portanto, essas razões são vínculos da verdade, tornando possível o conhecer, pois, elas são imutáveis ao passo que as realidades corpóreas e sensíveis são transitórias, como diz Agostinho: «Mas se deriva dessa substância racional de nossa mente, pela qual aderimos à verdade superior inteligível e imutável, ela está entretanto como destinada ao trato com as coisas inferiores e aptas a governá-las»²³. Assim sendo, na medida em que essas razões eternas são expressões da verdade divina, a realidade sensível e nosso conhecimento devem se adequar a elas para serem verdadeiros, como bem comenta José Oroz Reta:

Toda realidade criada, deve adequar-se ao modelo divino, a sua ideia [...], ao contrário do que acontece com o conhecimento humano, cuja verdade

²¹ Exemplarismo é outra nomenclatura utilizada para essa doutrina, pois, cada realidade sensível possui um exemplar no mundo suprassensível, exemplar no sentido de ser uma realidade que agrega a máxima perfeição modelar de determinada realidade (cf. MORA, *Dicionário de Filosofia*, cit., p. 954).

²² AGOSTINHO, *De Trin.*, XII, 2, 2. Também *Idem*, *De Trin.*, IV, 2, 4: «Pois nossa iluminação é uma participação no Verbo, isto é, àquela vida que é a luz dos homens».

²³ AGOSTINHO, *De Trin.*, XII, 3, 3.

consiste em adequar-se a coisa real. As coisas são verdadeiras, porque se adequam as ideias de Deus²⁴.

Em suma, na medida em que todas as criaturas antes de existirem concretamente, já existiam como projeto intelectual no Verbo de Deus, Santo Agostinho eleva sobremaneira o caráter da Criação. Pois, não só foi criada pelo Ser mas foi projetada na eternidade por esse único Ser. Portanto, a natureza possui um caráter tão elevado, que é de certa forma como um modo de expressão das verdades imutáveis no Verbo divino, como assevera o Hiponense: «Portanto, as razões imutáveis estão no Verbo de Deus de um modo, de outro estão as suas obras das quais descansou no sétimo dia, e de outro ainda, estas que realiza a partir daquelas até agora»²⁵.

2. Considerações finais

Temos toda a ciência que na Patrística, Agostinho de Hipona não foi o primeiro a perceber a facilidade de teorizar acerca das doutrinas cristãs, usando como referencial teórico o pensamento platônico e neoplatônico, pois antes dele temos pensadores de não pequena importância como Justino e Orígenes, que em alguma medida utilizaram o pensamento platônico e Neoplatônico, na intenção de fundamentar as suas doutrinas. Todavia, entendemos que Agostinho deu um passo a mais, realizando a síntese absoluta entre a tradição filosófica mencionada, e o cristianismo. Síntese essa tão bem feita, que depois dele se desmantelou a desconfiança ecoada pela voz de Tertuliano, ante a real possibilidade de o cristianismo fazer proveito da tradição filosófica que a precedeu. O uso do pensamento Neoplatônico feito pelo doutor de Hipona, foi sutilmente elaborado, que podemos falar em verdadeira síntese, onde se preservou a doutrina cristã em sua essência, sem com isso abdicar o uso da reflexão filosófica racional.

²⁴ RETA, O., *El pensamiento de San Agustín para el hombre de hoy* (I): la filosofía agustiniana, tomo I, pp. 278-279.

²⁵ AGOSTINHO, *De Gen. ad. litt.*, V, 12, 28.

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, «Comentário literal ao Gênesis», in AGOSTINHO, SANTO, *Comentário ao Gênesis*, trad. de A. BELMONTE, Paulus, São Paulo 2005.

_____, *A cidade de Deus: contra os pagãos*, parte II, 4ª ed., trad. de O. P. LEME, Vozes, Petrópolis 2001.

_____, *A Trindade*, trad. e introd. De A. BELMONTE, Paulus, São Paulo 1994.

ARISTÓTELES, *Metafísica*, volume II, trad. para o italiano de G. REALE; trad. para o português de M. PERINE, Loyola, São Paulo 2002.

AZCONE, J. L., «A importância na natureza como lugar da ação de Deus», in ASSIS OLIVEIRA, N. (ed.): *Ecoteologia Agustiniana (Simpósio de reflexão sobre a Ecoteologia Agustiniana a partir da América Latina)*, Paulus, São Paulo 1996, pp. 27-81.

BERKHOF, L., *Teologia sistemática*, 4ª ed., trad. O. de OLIVETTI, Luz Para o Caminho, Campinas 1996.

BEZERRA, C. C., *Compreender Plotino e Proclo*, Vozes, Petrópolis 2006.

BOEHNER, P.; GILSON, É., *História da filosofia cristã*, 9ª ed., trad. de R. VIER, Vozes, Petrópolis 2004.

CAPANAGA, V., «Introducción general: el universo Agustiniano», in *Obras completas de San Agustín*, trad., introd. e notas de V. CAPANAGA, 6ª ed., vol. 1, BAC, Madrid 1994.

CAPANAGA, V.; CHAMPAN, N. R., *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, 3ª ed., vol. 3, Candeia, São Paulo 1995.

CHÂTELET, F. (org.), *História da filosofia: ideias, doutrinas*, vol. 1, trad. de M. J. ALMEIDA, Zahar, Rio de Janeiro 1973.

GEISLER, N., *Enciclopédia de apologética: respostas aos críticos da fé Cristã*, trad. de L. de NORONHA, Vida, São Paulo 2002.

GILSON, É., *A filosofia na Idade Média*, trad. de E. BRANDÃO, Martins Fontes São Paulo 1995.

MOLINARO, A., *Metafísica: curso sistemático*, trad. de J. P. NETTO, Paulus, São Paulo 2002.

MONDIN, B., *Curso de filosofia: os filósofos do ocidente*, vol. 1, 8ª ed., trad. de B. LEMOS, Paulus, São Paulo 1981.

MORA, J. F., *Dicionário de filosofia*, tomo II, IV, trad. de M. S. GONÇALVES, Loyola, São Paulo 2001.

RETA, J. O., *El pensamiento de San Agustín para el hombre de hoy (I): la filosofía agustiniana*, EDICEP, Valencia 1998.

PLATÃO, «Timeu», in *Diálogos de Platão*, trad. de C. A. NUNES, Universidade Federal do Pará, Belém 1977.

PLOTINO, *Enéadas V, VI*, introd., trad. e notas de J. I. GREDOS, Madrid 1998.

PLOTINO, *Tratado das Enéadas*, trad. de A. SOMMERMAN, Polar Editorial, São Paulo 2000.

EALE, G., *História da filosofia antiga*, vol. II, 2ª ed., trad. de M. PERINE; H. C. de L. VAZ, Loyola, São Paulo 2002.